HVMANITAS

[Recensão a] T. NOGALES BASARRATE (Ed.) - Ciudad y Foro en Lusitania Romana / Cidade e Foro na Lusitânia Romana

Autor(es): Mantas, Vasco Gil

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27402>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_64_29

Accessed : 26-Apr-2023 15:13:49

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

**Vol. LXIV
2012**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

T. NOGALES BASARRATE (Ed.), *Ciudad y Foro en Lusitania Romana / Cidade e Foro na Lusitânia Romana*, Studia Lusitana, 4, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2010, 363 páginas, ilustrado. ISBN 978-84-613-4193-1.

A colecção *Studia Lusitana* publicou uma obra que, pela primeira vez, não corresponde a uma monografia, pois reúne as comunicações apresentadas no Encontro Internacional Cidade e Foro na Lusitânia Romana, ocorrido na capital da Estremadura em 2007. A referida reunião científica teve lugar no ambiente acolhedor e estimulante do Museo Nacional de Arte Romano, no âmbito do Projecto *Lusitania Romana: investigación para la difusión del pasado cultural del Occidente de la Península Ibérica*, dirigido por Trinidad Nogales Basarrate, cuja generosa actividade a favor dos estudos lusitanos não quero deixar de sublinhar. A importância desta reunião reflecte-se na quantidade e qualidade das comunicações publicadas, num total de 21, representando um conjunto de trinta e três investigadores especialistas da Lusitânia romana. Justifica-se assim, plenamente, a alteração na metodologia observada pelo plano de edições da colecção.

Durante as duas últimas décadas os progressos da arqueologia urbana e da arqueologia das cidades romanas foram significativos, com todas as consequências daí resultantes para o melhor conhecimento dos *fora* lusitanos. Recordo que, num volume intitulado *Los Fora de las Provincias Occidentales*¹, editado em 1987, não se encontram mais do que rápidas referências aos *fora* de *Conimbriga*, *Aeminium* e *Emerita*. É certo que a referida obra reflecte a opção mediterrânica observada pelo colóquio que a originou, mas mesmo assim não deixa de sublinhar a modéstia do que se conhecia, circunstância agravada pela limitada difusão da bibliografia sobre as cidades lusitanas, em particular da bibliografia portuguesa. O volume com que a colecção *Studia Lusitana* brindou os investigadores do passado imperial romano desta multifacetada região do Ocidente veio na hora própria, como síntese e como repertório de novas propostas, tudo resultando de trabalhos de investigação recentes ou em curso.

Pelas suas características específicas não é fácil traçar um comentário exaustivo dos contributos que integram a obra, o que exigiria uma análise prolongada de cada um deles, impossível nestas circunstâncias. Um aspecto que deve ser destacado é o que se relaciona com o desigual conhecimento dos *fora*, alguns dos quais, mesmo em centros urbanos de relevo, como a colónia de *Scallabis* (Santarém), são totalmente desconhecidos. Assim,

existe uma acumulação de dados para um grupo bastante alargado de cidades lusitanas enquanto que de outras pouco ou nada sabemos de concreto.

Particularmente importante é o facto de a obra abranger centros urbanos dos dois lados da fronteira luso-espanhola, reforçando uma dinâmica de análise global da arqueologia lusitana, e não apenas transfronteiriça, para a qual a equipa do *Museo Nacional de Arte Romano* tem contribuído com entusiasmo. Congratulo-me pelo facto, ao qual não são alheias as Mesas Redondas dedicadas à província lusitana, nascidas em Bordéus de uma ideia que tive no já longínquo ano de 1985 e que se destinava a comemorar o bimilenário da criação da Lusitânia: *ad augusta per angusta!*

Sublinhar a importância dos *fora* no urbanismo romano é redundante e seria desnecessário se não houvesse que considerar os aspectos ideológicos e sociais associados e o que eles representaram no processo de romanização das províncias menos dotadas para a vida em cidades. Na verdade, não faltam situações em que a edificação do *forum* determinou o modo e o ritmo de renovação dos povoados pré-existentes, enquanto noutros a centralidade, objectiva e subjectiva, que dele emanava fez com que não poucas cidades se limitassem fisicamente a pouco mais. Lembro o caso da *Civitas Cobelcorum* (Almofala), cujo templo do *forum* foi longamente considerado um mausoléu ou templo de *villa*. Tais circunstâncias abrangem um conjunto de situações, agravadas por uma cronologia por vezes incerta, mesmo para sítios arqueológicos intensamente escavados e estudados, como é o caso de *Conimbriga*, onde a versão de duas fases na construção do *forum* acabou por ceder, não sem alguma relutância inicial, à constatação da existência de três fases, a última das quais corresponde à transformação do complexo num santuário do culto imperial, o que sugere, naturalmente, a existência algures de um novo *forum* que abrigue as funções comerciais e jurídicas.

Não faltam, portanto, problemas não resolvidos e hipóteses não provadas ao longo das mais de três centenas de páginas desta excelente publicação, a par de conclusões seguras, estas talvez com menor visibilidade que as primeiras, mas com as quais se constrói o progresso científico, quase sempre a partir do reconhecimento das zonas de penumbra que caracterizam o objecto de estudo. Como é natural, os contributos que se relacionam com *fora* de há muito estudados ou pelo menos, razoavelmente conhecidos, possuem na obra um fôlego diferente daqueles mediocrementemente conhecidos ou apenas sugeridos por indícios mais ou menos indirectos. Mesmo assim, basta lembrar a discussão que longamente se desenvolveu em torno da questão do *forum* colonial e do *forum* provincial de Mérida para que se compreenda

as dificuldades opostas aos investigadores conscientes, particularmente quando os monumentos em estudo contam ainda com reduzida informação.

Muitas destas questões são abordadas sistematicamente por Carlos Fabião na conferência de abertura do Encontro, a qual encerra o volume e que intitulou apropriadamente *Modelos forenses nas cidades da Lusitânia. Balanço e perspectivas*. Este balanço passa pela análise dos modelos conhecidos na Lusitânia, onde predomina o tipo caracterizado pela existência de templo e basílica em topos opostos da praça, pertencente a um estádio avançado do chamado forum-bloco. Fabião não esqueceu, porém, a necessidade de matizar generalizações dogmáticas, pois como evidencia a investigação recente, alguns dos *fora* mais antigos adaptaram-se com dificuldade às reformas a que foram sujeitos em determinada altura. Chama ainda a atenção para o desconhecimento dos monumentos forenses das cidades marítimas, idêntico ao que se verifica nas capitais conventuais do território português da Lusitânia.

O volume abre com a comunicação de Santiago López Morales centrada no elogio humanista à antiguidade de algumas das cidades lusitanas, reflexo do prestígio que o passado romano lhes conferia na Europa de então. O *forum* de Évora é analisado nas comunicações de Theodor Hauschild, Jorge Gonçalves e Panagiotis Sarantopoulos: mais uma vez estamos perante a renovação de um monumento anterior, eventualmente augustano, destacando-se intervenções atribuíveis à época de Cláudio. Helena Frade ocupou-se dos *fora* de Bobadela e da *Civitas Cobelcorum* (Almofala), o primeiro um bom exemplo das modificações introduzidas pela municipalização, o segundo testemunho da mediocridade do equipamento urbano de grande parte das pequenas *civitates* lusitanas, nas quais o culto de Júpiter parece ter suplantado o culto imperial.

O ordenamento urbano de *Aeminium* (Coimbra) em torno do *forum* é tratado por uma equipa coordenada por Pedro Carvalho, contributo particularmente importante no que se refere ao abastecimento de água e aos esgotos da parte alta da cidade. Confirmada já a datação júlio-cláudia da construção do *forum*, como propusemos anos atrás, é necessário desenvolver agora a investigação sobre o sistema de abastecimento de água a partir do aqueduto, tarefa complicada devido às gravosas destruições verificadas nesta área urbana e à sua topografia. A vizinha *Conimbriga*, que possui um dos *fora* melhor conhecidos da Lusitânia, está representada por uma comunicação de Virgílio Correia, sugerindo que a transformação do monumento pelos finais do século I num santuário do culto imperial obrigou, naturalmente, a

edificar um *forum* que abrigasse as funções económicas e administrativas. Se concordamos com esta proposta, já nos parece difícil admitir que o *Vicus Baedoro* referido numa inscrição local identifique um bairro da cidade.

Pedro Bernardes tenta uma muito difícil identificação dos espaços públicos de *Collipo* (S. Sebastião do Freixo), com toda a probabilidade um município flaviano, sobretudo se for considerada a proposta de revisão de leitura da epígrafe que refere a existência de um templo, que desde 1996 defendemos. O estado de destruição do sítio impede que se ultrapasse o campo das hipóteses. Segue-se uma comunicação de José d'Encarnação, no estilo coloquial que o caracteriza, sobre a epigrafia dos espaços forenses, destacando o monumento epigráfico como meio promocional das elites, tendo seleccionado algumas inscrições consideradas mais representativas deste grupo específico e dos problemas que suscitam. Enrique Cerrillo ocupou-se do *forum* de *Capara*, onde se verificou uma renovação pelos finais do século I, nitidamente relacionada com o novo estatuto urbano, tratando das suas funções e progressivo abandono.

Outra grande cidade lusitana, *Norba Caesarina* (Cáceres), teve a localização provável do seu *forum*, que devia ser imponente, analisada num longo contributo assinado por Trinidad Nogales e Enrique Cerrillo. Os dados recolhidos pelos autores são de molde a garantir a localização na área cacerenha junto à Plaza Mayor. Restos de lajeado, semelhantes aos que se escavaram em Évora, e outros significativos testemunhos, como os restos de uma estátua equestre em bronze, são elementos suficientes para assegurar a localização proposta pelos autores desta relevante comunicação. Vasco Mantas apresentou a síntese dos conhecimentos sobre os *fora* de *Ammia* (S. Salvador de Aramenha) e *Civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha), bastante diferentes na concepção e dimensões. Muitas das hipóteses consideradas no artigo, como a estrutura do *forum* amaiense, foram confirmadas entretanto², ainda que continue ausente a possibilidade de uma cronologia fina para o monumento. Quanto ao *forum* de Idanha-a-Velha, escavações recentes orientadas por Pedro Carvalho sugerem uma construção augustana inicial, sem que tal circunstância permita excluir uma alteração posterior, que continuamos a considerar situada nos finais do século I, quando a cidade recebeu o direito latino e, simultaneamente, o título municipal. Também neste caso duvidamos da atribuição do templo ao culto imperial.

Conceição Lopes apresentou um extenso relatório sobre as escavações que tem orientado em Beja, numa área onde se situa um conjunto de complicadas estruturas monumentais. É evidente que houve uma série de

transformações desde os primeiros tempos do Império e ao longo do século I, cuja interpretação é dificultada pela dinâmica do local, realçada pela autora. A análise das ruínas sugere-me uma situação algo parecida com a do *forum* de Sagunto, continuando a acreditar que o conjunto corresponde a um capitólio. Como a arqueóloga subscreve, a interpretação das estruturas subsistentes é ainda provisória. Outra cidade do Sul lusitano considerada nesta obra é *Mirobriga*, nos arredores de Santiago do Cacém, cidade que alguns especialistas hesitam em identificar com as ruínas de Castelo Velho. Filomena Barata desenvolve uma exaustiva análise do *forum*, cuja estrutura não deixa de suscitar muitas questões, inclusive quanto à tipologia do templo principal, dotado de um *rostrum* elaborado, que não deixa de recordar a estrutura existente no templo do *forum* colonial emeritense. A atribuição a Esculápio ou ao culto imperial não pode afirmar-se com certeza, mas creio que a primeira hipótese encontra suporte epigráfico mais relevante. Por outro lado, não esqueçamos que o culto imperial pode recorrer às divindades clássicas, caso em *Mirobriga* de Vénus Augusta.

Os recintos forenses da capital lusitana são analisados em dois importantes artigos da responsabilidade de Trinidad Basarrate, José María Álvarez e Rocío Ayerbe. No primeiro discute-se longamente a evolução dos dois *fora*, colonial e provincial, confirmando-se que o *forum* provincial conheceu alterações no período júlio-cláudio, talvez mesmo no principado de Tibério. Distinguem-se várias etapas, sugerindo-se cautela a propósito das cronologias por comparação. Trinidad Nogales e José María Álvarez analisam também as relações entre os *fora* emeritenses e os *fora* de outras cidades, sublinhando a presença de plataformas em diversos locais. A propósito das portas monumentais valorizam a existência de prótomos de touro monumentais como elemento de datação augustana, como defendi nos anos oitenta a propósito de idênticos monumentos de *Pax Iulia*, cidade onde creio possível existir um segundo *forum*, independentemente da classificação do monumento em processo de escavação.

Rocío Ayerbe desenvolve, numa comunicação que de certa forma complementa a primeira, uma análise das relações entre os recintos forenses e a trama urbana de *Emerita Augusta*. Referindo-se ao conjunto provincial de culto imperial, o *forum provinciae* como outros investigadores preferem identificar o monumento de que o vestígio mais aparente na actualidade é o *Arco de Trajano*, Ayerbe atribui-lhe igualmente uma datação júlio-cláudia, relacionando, através de um achado epigráfico recente, a obra com *L. Cornelius Bochus*, notável de *Salacia* (Alcácer do Sal), cidade cujo *forum* não

foi objecto de comunicação neste Encontro. Creio que a acção dos *Cornelii Bochi* não será alheia ao desenvolvimento da cidade de *Ammaia*, se não mesmo à concessão do direito latino a este importante centro urbano. Ainda em torno do *forum* provincial emeritense, Nicole Röring e Walter Trillmich abordam complexas questões da política romana do período júlio-cláudio e sua influência provincial numa esclarecedora comunicação intitulada *Agrippina y la Concordia Augusti. Elementos para la interpretación del “foro” provincial de la Colonia Augusta Emerita*.

Maria Pilar Reis trata largamente dos tanques, fontes e espelhos de água associados aos templos dos *fora* lusitanos. A investigação tem demonstrado que a existência destas estruturas nos *fora*, consideradas como um elemento do culto imperial, corresponde a um modelo que vai ganhando crescente representação. Não pode, creio, ser interpretada simplesmente como reflexo da presença de colonos itálicos. Não concordo com a interpretação dos vestígios do templete de Idanha-a-Velha, bem visíveis em 1983, com um tanque, cuja localização na velha planta de D. Fernando de Almeida está, na comunicação de Pilar Reis, incorrecta. Dos *fora* das cidades do Norte da Lusitânia ocupou-se João Inês Vaz, embora quase todos sejam difíceis de identificar com segurança, ainda que o da *Civitas Aravorum* (Marialva) e o de Viseu mereçam ser considerados muito prováveis. Menos aceitável é a tese da identificação, que há muito contraria, de Viseu como capital dos Interanienses, tese a excluir definitivamente depois do achado epigráfico que confirma *Veseo* como seu nome antigo³.

Salete da Ponte traça uma síntese do que se conhece do *forum* de *Seilium* (Tomar). Este *forum*, augustano segundo a investigadora, parece ter como elemento fundamental a basílica, aproximando-o dos *fora* de *Conimbriga* (1ª fase) e de *Aeminium*. O seu estudo, dificultado pelo avançado grau de destruição do monumento e pelas complicadas peripécias da arqueologia em meio urbano, não resolve todos os problemas em aberto, tanto mais que *Seilium* é uma das poucas cidades onde o estatuto municipal está comprovado pela epigrafia, deduzido em tantos sítios apenas pela presença de cidadãos da tribo Quirina.

Finalmente, a última comunicação, de Amílcar Guerra e Thomas Schattner, *El foro y el templo de Lancia Oppidana: nueva interpretación de Centum Celas (Belmonte)*, levanta novamente o problema da interpretação das ruínas de *Centum Celas* (Colmeal da Torre), de forma não isenta de polémica, uma vez que se propõe ver no monumento as ruínas do *forum* de *Lancia Oppidana*. Se a localização desta *civitas* deve procurar-se na zona

em questão, a classificação das ruínas merece ser meditada cautelosamente. Continuo a considerar o monumento como restos de uma estação viária, a partir da qual se desenvolveu um *vicus*, circunstância que não impede a sua interpretação como centro administrativo, a exemplo de outras situações conhecidas⁴, provavelmente idêntica à das ruínas da Póvoa do Mileu, na Guarda.

Resta-me sugerir a leitura deste excelente contributo para o estudo dos *fora* lusitanos, seguramente estimulante pela informação que faculta e pelas hipóteses que nele são apresentadas, sempre geradoras de novos e por vezes inesperados desenvolvimentos. Como escreveu Carlos Fabião, este volume de actas pode bem ser representativo do *estado dos conhecimentos antes do presente Colóquio*. Num momento histórico em que tantas estruturas consideradas inalteráveis tremem nos seus alicerces, não deixará de ser apropriado o estudo do monumento mais simbólico da boa ordenação do mundo romano.

Notas

1 - Carmen Aranegui (Ed.), *Los Fora de las Provincias Occidentales*, Madrid, 1987.

2 - Frank Vermeulen, / David Taelman, *From cityscape to landscape in Roman Lusitania: the Municipium of Ammaia, Changing Landscapes. The impact of Roman towns in the Western Mediterranean*, Bolonha, 2010, pp.311-324.

3 - Luís Fernandes *et alii*, *Uma nova ara votiva de Viseu*, *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*, 6, 2008, pp.185-189.

4 - Robin Hanley, *Villages in Roman Britain*, Princes Risborough, 2000², pp.36-39.

VASCO GIL MANTAS